

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Candidatas à ciência - contradições entre produção e reprodução para jovens pesquisadoras.

Silvana Maria Bitencourt.

Cita:

Silvana Maria Bitencourt (2009). *Candidatas à ciência - contradições entre produção e reprodução para jovens pesquisadoras. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/808>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Candidatas à ciência - contradições entre produção e reprodução para jovens pesquisadoras¹

Silvana Maria Bitencourt² - UFSC

Introdução

[...] falaram-me para me jogar da ponte Hercílio Luz, minhas amigas... porque meu exame deu positivo, estou grávida! nunca recebi tantos pêsames, só porque estou fazendo a tese (Minerva³, Doutoranda em Educação).

O presente artigo tem como objetivo principal discutir como as jovens mulheres têm se adequado à cultura científica. Uma vez que esta cultura tem sido mantida e estabelecida por relações sociais hierarquicamente institucionalizadas. Nesse sentido, os valores e as normas presentes nestas relações funcionam como referências significativas para cada sujeito, que procura possuir legitimidade para participar do campo científico⁴.

Inicialmente será abordada a representação feminina diante dos impasses encontrados pelas mulheres em relação à escolha pela carreira científica. Logo, após será salientada a cultura científica e os sujeitos que historicamente têm sido reconhecidos/conhecidos como “cientistas” para então apresentarmos como as jovens acadêmicas atualmente têm vivenciado as contradições de “ser mulher” no campo científico; finalizando com algumas considerações.

Estou partindo da ciência construída por mulheres nas Universidades públicas do Brasil em particular a realizada na Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC], onde estou pesquisando a cultura científica nos últimos quatro anos. Sendo que o objeto desta pesquisa é as estudantes dos cursos de doutorados da UFSC. A escolha por estudante de doutorado é pelo fato destas estarem mais próximas em competir em processos seletivos para estabelecer vínculos permanentes em universidades públicas como professora e conseqüentemente pesquisadora. São mulheres que estão entre a faixa etária dos 25 aos 39 anos afirmam estar escolhendo “conscientemente” a dedicação exclusiva à vida acadêmica em detrimento a outras escolhas. A escolha por estas duas áreas de

¹ Este trabalho faz parte das primeiras reflexões que estou desenvolvendo no meu projeto de tese de doutorado no Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política da UFSC sobre orientação da professora Dra Elizabeth Farias da Silva.

² Socióloga, Mestre em Sociologia Política e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política.

³ Depoimento realizado por Minerva, estudante de doutorado em educação Minerva seguiu a vida acadêmica com a gestação no meio do curso, recebeu nota máxima na tese. No entanto, atualmente não quer mais voltar à vida acadêmica, justifica que não conseguiu se adequar a este estilo de vida. Recorda de sua defesa como um “palco de horrores” e não tem nenhuma uma cópia de sua tese em casa. Todos os nomes utilizados neste texto são fictícios para conservar a identidade de minhas informantes.

⁴ Campo no sentido bourdieusiano, ou seja, [...] campo de poder (de preferência a classe dominante, conceito realista que designa uma população verdadeiramente real de detentores dessa realidade tangível que se chama poder), entendendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social, ou de capital, de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas contra o monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição de forma legítima do poder (Bourdieu, 2000, p.28-29).

atuação, “Ciências Humanas/sociais e Exatas/naturais”, esta sendo relevante no sentido de se justapor campos científicos que trabalham com objetos de pesquisas distintos. Deste modo, também haverá a possibilidade de verificar se a valorização e incorporação do *habitus*⁵ científico ocorrem de forma diferenciada.

A faixa etária selecionada está diretamente relacionada ao fato destas mulheres vivenciarem e desfrutarem de um contexto histórico resultante de conquistas feministas como: o direito à educação superior, a sexualidade desvinculada da reprodução, a inserção em carreiras prestigiadas e historicamente masculinas entre outras conquistas feministas. Além das mulheres que se encontram nesta faixa etária serem herdeiras das conquistas feministas, também convivem com a contradição entre carreira e maternidade, ou seja, estão em plena idade reprodutiva, mas também em idade produtiva para atuarem no mercado de trabalho. Também estão sendo pesquisadas cientistas e doutorandas mães para verificarmos até que ponto a maternidade dificulta se dedicar a ciência e como as relações de gêneros são construídas nestes espaços.

O contexto da UFSC foi o cenário do meu trabalho de Mestrado⁶. Estudo que teve como objetivo principal compreender como as estudantes de engenharia conviviam com a contradição de ser mulher num campo de saber/poder historicamente masculino, nesse caso as escolas de engenharia. Dentro das diversas evidências encontradas neste referente estudo conclui que entre as estudantes de engenharia os problemas relativos às desigualdades de gênero, as quais eram foco da pesquisa, tornavam pouco significativos diante do *habitus acadêmico* que o/a estudante precisava incorporar para ser aceito naquele campo. O sofrimento, a falta de diálogo e os diagnósticos depressivos entre as estudantes mostraram como a cultura científico-acadêmica incorporada naquele contexto, era significativamente incorporada e valorizada em contraposição as outras escolhas pessoais⁷. Sendo que o desmascaramento dos aspectos simbólicos dominadores dessa cultura para as/os estudantes, não necessariamente construíam alternativas de mudanças e sim necessidades de incorporar adequadamente o tipo ideal de engenheiro. Ao verificar este sofrimento de ter que seguir um *habitus* por gosto ou sofrimento parto neste trabalho da hipótese que a valorização desta cultura tem ocorrido em todos os campos científicos não só nas engenharias, principalmente entre as novas gerações de mulheres. Estas mulheres que nasceram num contexto onde a grande maioria não é

⁵ [...] Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura as práticas, as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas e um fim ou do domínio se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro” (Bourdieu *apud* Ortiz 1994, p.15).

⁶ BITENCOURT, Silvana Maria. Existe um outro lado do rio? Um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC. 141f. Dissertação (**Mestrado em Sociologia Política**) – Curso de Pós-graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

⁷ Refiro-me as renúncias às vezes salientadas pelas estudantes para estudar como: finais de semana confinadas em casa estudando, noites viradas para estudar, pouco contato com pessoas de outras áreas, falta de atividades de lazer (namorar, ficar, dançar, fazer exercícios físicos, alimentar-se adequadamente, cuidar da pele, dos cabelos).

mais necessariamente socializada para ser esposa e mãe. Sendo que a virgindade feminina é percebida como certificações raras, devido à sexualidade descolada do casamento. Estas mulheres entregam-se totalmente ao campo científico, ou seja, fazem ou “dizem que fazem” da ciência o sentido de suas vidas, excluindo tudo que não corresponda ao cientista socialmente adequado, especialmente desvalorizando o fenômeno biológico exclusivamente feminino “a maternidade”.

A mulher, a mãe, a ciência: contradições aparentes?

[...] Ser mãe parece ser um empecilho no mundo acadêmico. Quando digo que tenho um filho as pessoas já falam coisas que deixam a entender, não vai conseguir fazer um bom trabalho, por não ter tempo para se dedicar. Nós acadêmicos acreditamos que não devemos viver, apenas estudar acredito que seja o ideal, mas não o real. Essa coisa de amor de mãe ser maior que amor de pai, é puro sexismo. Por falar em filho, esta na hora de buscá-lo na escola (Luiza, Doutoranda em Biologia).

Historicamente ser cientista e ser mãe mostrou-se como escolhas incompatíveis, principalmente se forem ressaltadas as afirmações de alguns pensadores⁸, em relação às mulheres que ousavam negar a sua condição natural, ou seja, procriar. As mulheres insatisfeitas com a representação materna e motivadas por outros estilos de vida mostraram-se dispostas a desafiar esta “natureza” feminina profundamente dedicada à reprodução. Esta identificação das mulheres com o papel de mãe por mais que tenha sofrido transformações⁹, ainda parece competir às mulheres o cuidado com o filho (a), pois mesmo não apresentando um gosto especial pela função materna, a mãe não deverá negar a relação com o filho (a). Uma vez que negando esta função estaria se comportando de maneira reprovável se levar em consideração a tradição familiar ocidental tão cultuada durante o século XIX. Elizabeth Badinter (1985) crítica à naturalização da construção da identidade feminina na maternidade. Conforme a autora,

[...] O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX, já que, como o exame dos dados históricos mostra, nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues, desde tenra idade, às amas, para que as criassem, e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história (1985, p.7).

No entanto, esta “mãe padrão” que emergiu no século XIX, figura amável, capaz de doar-se completamente em prova de seu amor incondicional parece permear ainda que parcialmente no imaginário social.

⁸ Entre eles podemos citar : MONTAIGNE (1533-1592), MOLIÈRE (1622-1673), FÉNELON (1651-1715) E ROUSSEAU (1712-1778).

⁹ Elizabete Badinter (1985) em sua consagrada obra um amor conquistado: “o mito do amor materno” (1985) irá mostrar por uma minuciosa pesquisa histórica na França as transformações referentes ao comportamento materno levando em consideração a forma que foi construída a sua valorização social na modernidade.

O movimento feminista subvertendo este padrão feminino mostrou o quanto de responsabilidades as mulheres foram acumulando e como os homens letrados foram preconceituosos. O próprio Voltaire que foi envolvido afetivo-sexualmente por Madame de Châtelet¹⁰ revelou seu preconceito ao estabelecer limitações para o desenvolvimento cognitivo das mulheres. Conforme ele, [...] é verdade que a mulher que abandonasse os deveres de seu estado para cultivar as ciências seria condenável (BADINTER, 1985, p.171). Estes homens construíram diversos discursos negativos associados às mulheres que não desenvolviam gostos pela função materna. Mas, sim, um significativo interesse pelo conhecimento científico (SMITH, 2003).

Esta cobrança tinha como referência um tipo de amor que às mulheres deveriam expressar por seus filhos (as). Sendo que a tentativa de expressar outras possibilidades criativas impedia a mulher em ser uma “boa mãe”. O Estado moderno entra em cena garantindo o bem estar da família tradicional, contemplando um modelo hierárquico entre os membros, vigiando o cuidado dos novos filhos da nação, futuros cidadãos punindo pais e mães que não possuíam um tratamento adequado para com o filho.

Nos discursos naturalistas do século XIX, as mulheres “naturalmente” não possuíam uma estrutura cognitiva adequada para a prática científica. Nesses discursos os psiquiatras darwinistas eram diretamente contrários aos movimentos de libertação feminina. Exaltavam que seria na maternidade, que a mulher expressaria a sua “verdadeira natureza”. Natureza, esta marcada no corpo, nos ciclos menstruais, nos óvulos limitados e passivos que garantiriam a reprodução de sujeitos saudáveis, educados, disciplinados por “boas mestras”, logo “boas mães”. No entanto, este corpo feminino também tem um prazo de validade, cobrando assim as mulheres corresponder a este corpo biológico ou controlando para seu prazer.

Os problemas relativos à mulher se realizar exclusivamente no papel de mãe, começam quando esta tem ao acesso à instrução, ao mercado de trabalho e a profissões percebidas como socialmente masculinas e de prestígio social negando assim esta realidade em *prol* de uma escolha individual. Nesse contexto a biologia não apenas naturalizou o “ser mulher”, formando um padrão ideal, mas também escandalizou as exceções não dispostas a reproduzir o padrão. Sendo que as mulheres que negavam esta realidade eram tratadas como casos patológicos.

A ciência moderna que emerge no século XVII ausentou gradativamente o sujeito cognoscente, distanciando-o do contexto, eliminando significativamente a sua subjetividade. Logo contemplando este como um ser que apresentava uma neutralidade aparente. Travando esta luta da negação da subjetividade, a negação também da mulher e afirmação de uma objetividade que parte de um eu não-relacional (KELLER, 1996). Evelyn Fox Keller (1996) compartilhando de um referencial

¹⁰ Madame de Châtelet (1706-1749) foi considerada uma grande cientista do século XVIII, envolvida com estudos no campo da matemática, física e química, muitas vezes é lembrada por ter sido amante de Voltaire.

próximo a Nancy Chodorow (1978), a qual salienta a importância da mãe na formação da subjetividade masculina e feminina, modificando pontos cruciais da teoria freudiana. Para Chodorow a mãe teria uma importância primordial na formação da identidade de gênero, pois nesse processo de ruptura as meninas mantêm mais próximas da mãe, podendo imitar o que ela faz. Portanto, por não ter uma ruptura extrema com a mãe, a mulher adulta desenvolverá uma consciência de si que encontra maior proximidade com outras pessoas. Nesse sentido, a mulher se mostrará mais preparada a se relacionar com outras pessoas e depender delas. Já os meninos precisam processar uma ruptura maior com a mãe, buscando a sua masculinidade a partir do que não é feminino. Partindo desta perspectiva, a masculinidade é formada pela separação com a mãe, os homens sentem inconscientemente que sua identidade pode estar ameaçada se eles envolverem - se em relações emocionais com outros. As mulheres sentem necessidade de uma relação íntima. Estes modelos são passados de geração a geração, devido ao papel que a mãe desempenha na socialização das crianças. Conforme o autor Anthony Giddens (2005, p.105), apesar desta visão de Chodorow já ter sido bastante criticada, sua teoria continua ainda válida para entendermos o porquê das mulheres apresentarem-se como mais emotivas e dependentes e dos homens terem ainda dificuldades em expressar seus sentimentos. Desta forma, o homem ocidental, negando a mãe e as mães para a prática científica, construiu uma objetividade que contém uma subjetividade masculina. Nesse sentido, a objetividade tão almejada e cultuada pelos cientistas modernos condenou estes em não mais buscar um ponto de fuga para chegar perto da verdade. Mas separar o seu corpo das suas criações, separando assim o sujeito e o objeto, esquecendo gradativamente o autor da obra. Conforme Keller (1996), a estrutura e o conteúdo da prática científica caracterizam uma objetividade estática, logo masculina. Sendo que estas criações gradativamente tenderam a se sobressair mais que o próprio corpo. O autor não está ausente, mas a sua presença é encontrada nas suas criações. No entanto, a idéia de ciência como um conhecimento objetivo, apagou o sujeito silenciando-o de seus contextos específicos. A universalidade presente na lógica científica tende a assumir uma posição estática sem comunicação, sem interação com as outras esferas sociais.

A representação da identidade feminina na figura da mãe e do cientista num corpo masculino ainda tende a influenciar as representações sociais. A mulher dedicada à ciência poderá pensar duas vezes em escolher “ser mãe ou cientista”. Todavia, os homens dificilmente irão se deparar com esta escolha “ser pai ou cientista”. De acordo com uma cientista, a questão da maternidade influencia nos projetos de vida de algumas mulheres, recordando de sua mãe salienta que:

[...] a questão da maternidade é importante sim para se pensar a situação da mulher no campo científico, lembro que minha mãe que era bióloga não prosseguiu esta carreira por

causa dos filhos, virou professora, poderia ter sido cientista (Doutora¹¹ em Sociologia Política, mãe).

Atualmente o contexto é outro, parecendo até antiquado para as jovens mulheres refletirem sobre esta contradição, as transformações culturais, sociais e políticas relacionadas à vida da mulher foram diversas. A desigualdade ainda existe, mas por que não analisar a positividade da situação hoje. Mesmo que muitas mulheres sofrerem discriminação por seu sexo, a situação é outra, elas estão na educação, no mundo do trabalho, desvincularam o sexo da reprodução. A nova mulher herdeira das conquistas feministas tem driblado muito melhor esta situação. Porém, a voz do passado, da tradição ainda ressurgem com um tom enfático, dominador culpando a esta mulher escolher, ou seja, ser cientista ou ser mãe. Sendo que esta dupla escolha até pode ser compatível¹², mas não será bem desempenhada. O padrão historicamente normatizado ainda tende a escravizar algumas mentes femininas e julgar as mães que ficam poucas horas do dia com o (as) filho (as) pequeno (as) como uma “má mãe”. Conforme o depoimento de uma informante a ciência não poderia parar por causa dos filhos pequenos,

[...] eu sempre me culpei, sempre penso nisso, nos anos que não tive com ele, com menos de quatro meses ele já estava no berçário, mas você precisa ser competitiva, mandar projetos para as agências de fomentos, não basta ser professor, tem que produzir e se não tem dinheiro não faço pesquisa, não faço experimentos, tudo atrasa (Adriana, Doutora em Biologia).

O momento é outro e as mulheres nos últimos anos avançaram significativamente na ciência. Não serão mais os serviços das amas-de-leite, que ajudaram as mulheres a realizar outras atividades, mas as babás, as escolas de período integral têm sido as aliadas das mulheres que precisam e também gostam de participar do mundo público.

[...] meu sonho de consumo é terminar esse doutorado e ter uma empregada em período integral, não sonho em ter uma mansão, um carrão, eu odeio trabalho doméstico, meu marido não faz nada, nossas maiores brigas são por causa disso, mas ele trabalha o dia todo, todas as despesas da casa é em cima dele, ele me apóia no doutorado, por que eu terei mais possibilidades de ganhar melhor, inclusive mais que ele (Beatriz, Doutoranda em Farmacologia).

O acesso das mulheres ao conhecimento científico e a participação destas em sua produção, não necessariamente libertou as mulheres das discriminações sexistas culpando-as de suas escolhas afetivas e profissionais tomando como foco central a afirmação de sua identidade “na mãe”. Se já tivesse se extinguido essa discussão não seria um debate que estimula ainda tantas discussões sobre

¹¹ Depoimento realizado por uma professora doutora ao ressaltar a importância de contemplar a discussão da maternidade na atividade científica.

¹² Na história das ciências mulheres ilustres que foram cientistas e mães.

como se tem dado às escolhas entre as mulheres herdeiras das conquistas feministas. Estas mulheres que vivenciam um contexto impensável se nos reportamos à história moderna.

Olhar a história com um olhar de gênero é procurar compreender como o poder tem sido distribuído e significado (SCOTT, 1990). Um discurso que podemos ilustrar tal implicação entre maternidade/cientista esta ligada as diversas repercussões que o discurso do reitor em exercício da Universidade de Havard Laurence Summer¹³ em janeiro 2005 pronunciou rendendo uma repercussão de dez meses na mídia internacional e nas inquietações que estimularam estudiosas feministas brasileiras¹⁴ a responder ao discurso que causou polêmica e sentimentos de repulsão a Summers. Ele afirmou que as mulheres naturalmente não tinham aptidão para ciências exatas, pois são limitadas a ir reuniões nos fins de semana por causa dos filhos. A pesquisadora Jo Handelsman¹⁵, da Universidade de Wisconsin-Madison salientou que nos Estados Unidos,

[...] as cientistas mulheres algumas vezes encontram o ambiente do campus 'frio' e podem enfrentar 'discriminação inconsciente'. Elas também sofrem com o desafio extra de equilibrar sua vida familiar e doméstica com suas metas de carreira, um peso que costuma ser menor para homens do que para mulheres.

Apesar da grande polêmica causada por este discurso pode-se verificar que nesta afirmação preconceituosa do reitor sobre a maternidade, a qual seria uma vilã para se produzir cientificamente, algumas jovens mulheres desta pesquisa compartilham de suas considerações em nome da dedicação que o campo científico exige. Ser mãe requer responsabilidade, tempo e dedicação e ser mãe cientista ainda não parecer ser institucionalmente e economicamente compatível.

[...] Não vou falar para minha orientadora que estou grávida, não quero que as pessoas saibam pelo menos agora, não sei, não é vergonha, mais parece que não é certo (Mara, Doutoranda em Farmacologia, 39 anos, casada).

As mulheres têm mostrado que uma situação diretamente não tem nada a ver com a outra, ou seja, não há uma distinção entre ser mãe e ser cientista, uma afirmação não exclui a outra. Nenhuma cientista irá para uma reunião, ou participar de um processo seletivo e anunciar que é mãe também além de pesquisadora. A escolha pela maternidade requer um período de pouca produção algumas destas mulheres mães percebem que: “fica um buraco no currículo, um período de inércia”

¹³ Para mais informações ver: “O Reitor de Harvard diz que as mulheres têm menor aptidão para a Ciência”. A DISCRIMINAÇÃO. In: <http://www.apagina.pt/arquivo/>, acessado em 02/10/2005.

<http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=62431> Acessado em 02/07/2007.

¹⁴ Maria Lucia Mott (2005), Maria Conceição da Costa (2006), Diamantino Fernandes Trindade & Ana Paula Pires Trindade.

¹⁵ Numa edição da revista científica norte-americana "Science" (www.sciencemag.org) houve uma discussão sobre a condição da mulher cientista nos USA, refletindo primeiramente a afirmação do reitor de Havard e as implicações causadas por ser mulher num campo onde prevalecem valores masculinos, para mais informações ver Folha de São Paulo, Ciência, São Paulo, segunda-feira, 22 de agosto de 2005.

que não pode ser justificado pelo motivo de ter filhos pequenos, que dependem delas para se alimentar. Na produção científica também se pode verificar um declínio significativo da participação das mulheres entre 35-39 anos faixa etária que apresenta uma redução na participação feminina, sendo que somente entre 40-50 o número de mulheres começa a crescer¹⁶.

A imagem da dedicada mulher mãe do século XIX é substituída pela imagem da mulher independente dedicada à ciência. A implicação desta mudança não deve ser percebida como uma crítica as jovens mulheres que almejam a carreira científica, mas como estas novas escolhas têm tomado como referência os valores que permeiam a ciência e nutrem um modelo de mãe ideal, que faz parte do tipo de feminilidade que foi tão cultuada pela sociedade ocidental do século XIX.

A mulher a mãe.... a cientista...

[...] Não existe problema algum em ser uma mulher cientista, o único problema que vivenciei foram críticas das próprias mulheres, existe uma competição que não esta só entre as diferenças de sexo, mais as diferenças de escolhas, eu escolhi ser mãe e cientista, não posso agora voltar atrás eu sou as duas coisas, só que é mais difícil, eu trabalho, diferente das mães que podem cuidar de seus filhos, por que ficam em casa, isso me deixa meio culpada não esta me dedicando tanto aos meus filhos (Adriana, Doutora em Genética, 39 anos, um filho de 7 anos e uma filha de 10 anos).

Mulher e candidata à ciência

[...] Eu não serei uma boa mãe, por isso eu não quero ter filhos, eu quase nem dou conta da minha pesquisa, mais estou fazendo algo que realmente gosto, filhos? Melhor cuidar dos sobrinhos, dos filhos das amigas, eu faço experimentos, se eles estão dando certo eu fico feliz, se não estão eu vou esperar, é muita dedicação mesmo, não tem necessidade de crianças na minha vida (Luana, Doutoranda em Biologia) .

A carreira de cientista como profissão foi sendo estabelecida em meados do século XVII, quando o ofício de se fazer experimentos, observações sobre os fenômenos naturais passou de uma atividade à parte para se tornar uma carreira dedicada integralmente (SCHIENBINGER, 2001). A sociedade moderna tem na figura do cientista o *glamour*, a genialidade de um ser que expressa o comprometimento com a ordem e o progresso da sociedade moderna, naquele momento histórico passava por uma “turbulenta” transformação. Transformação, esta que abalou a mentalidade dos sujeitos sobre a explicação da realidade.

A realidade presente no campo científico nem sempre é refletida adequadamente por seus sujeitos, pois os elementos que estruturam estas relações funcionam como uma matriz orientadora para estes se re/construírem, a fim de ser aceito. Esta aceitação não é conquistada instantaneamente, mas é construída através de um processo de compreensão do que se deve ter e fazer para estar no campo da ciência. Sendo a ciência um campo estruturado por valores masculinos, as mulheres para

¹⁶ <http://mulheres.softwarelivre.org/news/4876>(Tavares, 2005).

se adequar a esta cultura pouco discutem diferenças significativas entre ser mulher e ser homem na instituição científica.

No entanto, a característica exclusivamente feminina, a gestação filhos, as mudanças corporais vivenciadas pelas mulheres não condizem com a representação do sujeito adequado para fazer ciência. É fato o cuidado com os filhos pequenos deixa as mulheres durante um período com uma baixa produção. Esta baixa produção é um aspecto que coloca as mulheres, estas quando mães, ainda mais em desvantagem não apenas em relação aos homens, mas também as mulheres sem filhos. Esta escolha em ser cientista não deve ser percebida apenas como uma escolha racional, objetiva, mas movida por paixões pessoais capazes de motivar esta escolha que exige não só o gosto, mas a dedicação (WEBER, 1982).

As novas gerações e a cultura científica

A teoria feminista promoveu um desmascaramento e uma reflexão crítica significativo da cultura científica nos convidando a compreender e contestar como esta cultura releva distinções que podem aceitar uns e excluir outros. No entanto, a teoria feminista ainda sofre a deslegitimidade no campo científico. A questão da igualdade de gênero nas carreiras científicas¹⁷ tem sido um tema politicamente relevante não só para as mulheres feministas, mas também para o próprio Estado que propõe políticas públicas a fim de promover a igualdade social entre homens e mulheres na participação do saber científico (HEAP,2004). Desde 2000 a UNESCO vem apoiando, algumas iniciativas promovendo o estudo da situação feminina na ciência através de cátedras regionais ou fundos específicos para estudos comparativos, tais como o Programa *Gentec* da Oficina Regional de Montevidéu. Desde 1997, a Rede Iberoamericana de Indicadores de Ciência e Tecnologia (*Ricyt*) acoplou-se à tendência mundial de aplicar um enfoque de gênero¹⁸ na produção de indicadores (ESTÉBANEZ, 2002).

Nos últimos anos as mulheres têm participado¹⁹ dos mais diversos campos de conhecimento. Mesmo os espaços construídos culturalmente como masculinos, que historicamente apresentam

¹⁷ Em 2005, o Ministério da Educação, por meio da Capes, em parceria com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, e o Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério da Ciência e Tecnologia (CNPq/MCT), lançou um edital para pesquisa sobre o tema de relações de gênero. Lançou também o 1º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. O objetivo das ações é que o resultado dos estudos possa auxiliar no equilíbrio do cenário tanto no mercado de trabalho quanto na própria sociedade. Para mais informações acesse: <http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/newsletter/N22.htm>.

¹⁸ Segundo a historiadora Joan Scott, [...]o uso do gênero não se refere nada mais do que aos domínios – tanto estruturais quanto ideológicos – que implicam as relações entre os sexos. Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p.14).

¹⁹ A prevalência das mulheres entre os mais escolarizados ocorre a partir do ensino médio e se estende ao 3º Grau: em 2002, 54% das matrículas no ensino médio eram de mulheres, bem como 56% dos ingressantes no ensino superior pelo vestibular. Outro traço relevante no processo de aquisição de maiores níveis de escolarização é que além da maioria das

uma grande resistência à participação feminina, começam a ser procurados por mulheres, como é o caso de determinadas engenharias²⁰.

As mulheres não formaram um campo novo, praticando uma ciência a parte, pois digamos que estas estão vinculadas a instituições que foram fundadas por imperativos masculinos e obedecem a estas regras institucionais. Isto não quer dizer que os homens cientistas ou candidatos também não podem vir a refletir sobre esta cultura. Quando me remeto a estas novas gerações de mulheres parto especificamente das mulheres que estão almejando ser cientista, ou seja, são estudantes ou até doutoras, mas não possuem vínculos institucionais. No entanto, para continuar no campo estas mulheres cientistas ou candidatas a cientistas, precisarão se adequar a esta cultura, que pode ser compreendida como opressora, revelando todo seu lado competitivo, mas estimulador que faz o próprio sujeito tomar como referência um *habitus* historicamente valorizado.

Nos discursos destas jovens mulheres a dedicação exclusiva é primordial para participar desta cultura. A naturalização desta dedicação tende a dificultar a reflexão sobre as mulheres cientistas pensando na sua coletividade, enquanto grupo historicamente excluído da atividade científica.

[...] não tem essa coisa de ai... essa vida[de cientista] é ruim, é sofrimento, é não adianta vai ser, a ciência é isso, quem discute muito, refleti muito, sempre anda estressado doente, então melhor nem discutir (Bia, Doutoranda de engenharia) .

[...] eu não quero ter filhos, quero ser uma boa pesquisadora, eu estou sem tempo por que eu estou me dedicando. Preciso me dedicar, minha orientadora disse que se não ser assim, eu não farei um bom trabalho. Em relação a ser mãe, eu não seria uma mãe muito responsável, não seria feliz ,meu filho seria uma criança largada como os filhos da minha orientadora (Silvia, Doutorada em Engenharia) .

A função materna ainda contempla uma representação de “mãe padrão” dedicada exclusivamente ao doméstico e a educação dos filhos. A maternidade parece ser um empecilho para a dedicação da atividade científica nos discursos destas jovens. A maternidade não tem sido apenas desvalorizada para algumas jovens pesquisadoras nestes contextos, mas também, as mulheres mães são percebidas como cientistas “incompletas”. Além de não ser favorável esta associação entre cientista e maternidade, as limitações econômicas também, tem sido um motivo significativo salientado pela escolha da não-maternidade.

matrículas nesses níveis de ensino serem femininas, as mulheres também estão em maior número entre os concluintes: em 2002, as moças representavam 58% e 63% dos concluintes, respectivamente, do ensino médio e superior (Relatório Fundação Carlos Chagas, para mais informações acesse: www.fcc.org.br/mulher).

²⁰ No campo da engenharia são demarcados espaços que permeiam poder, logo hierarquias profissionais entre suas especialidades. Um fato interessante é que nas escolas de engenharia tidas como tradicionais e difíceis de cursar o número de alunas mulheres é praticamente insignificante. Como exemplo: a UFSC podemos verificar na mecânica e na elétrica (HEAP, 2004).

[...] quando vejo uma mulher grávida, com aquele barrigão, penso coitada! Acho bonito, mais quando penso que dentro daquela barriga tem uma responsabilidade a mais, fico com pena da mulher, certamente terá pouco tempo para se dedicar (Denise, Doutoranda em Engenharia)

[...] a mulher sem filhos tem mais tempo para se dedicar, menos problemas domésticos, filho é um problema do doméstico, acredito que por isso não quero ter filhos, também meu tempo já está passando (Helena, Doutoranda em Engenharia, solteira, 30 anos)

[...] A instituição exige uma mulher totalmente dedicada ao trabalho, sem tempo de dar atenção a crianças. O quesito econômico também é um fator limitante de decidir por não ter filhos (Monalisa, Doutoranda em Engenharia).

A grande maioria dos objetivos de vida destas jovens está diretamente relacionada à necessidade de fazerem um bom trabalho científico e conseguirem um trabalho dentro de sua formação específica para conquistarem a independência financeira. Esta dedicação exclusiva à ciência não tem buscado o retorno de um reconhecimento dos membros da comunidade e sim melhores possibilidades financeiras para realizar seus desejos materiais. A profissão não é enfatizada como uma escolha irreversível, mas como uma possibilidade de ter um retorno financeiro. No entanto, quando as reflexões trazem um futuro incerto, esta dúvida é amenizada pela justificativa de ter escolhido algo que realmente gostam fazer. Desta forma, é esta paixão pela atividade científica que motiva continuar tentando o reconhecimento/conhecimento. As diferenças de gênero não são percebidas como algo relevante para ser questionado na atividade científica. A relação entre ciência e gênero, para essas jovens, é verificada como uma associação sem sucesso. Logo, a tão almejada “neutralidade” científica ao apagar as diferenças de gênero, classe, etnia tem contribuído para justificar as posições das jovens mulheres justificadas pelo “talento”.

[...] as mulheres ainda valorizam a família em primeiro lugar por ser seu “porto seguro”. Mas a profissão e o trabalho assumem importância quase igual por estarmos inseridas em um sistema que é perverso (Monalisa, Doutoranda em Engenharia).

Considerações Finais

A compreensão da cultura científica como socialização através de um *habitus* é importante, pois só assim, o/a cientista construirá a consciência sobre todo este simbólico socialmente valorizado pela comunidade científica e uma possível reflexão sobre sua condição de quem deveria viver exclusivamente para a ciência, mas não vive. Pois, as limitações objetivas e subjetivas enfrentadas pelo cientista contemporâneo têm causado um possível sentimento de ‘incompletude’ frente ao discurso científico que ajuda a reproduzir a imagem da ciência e do cientista ‘ideal’ socialmente valorizada. As contradições da participação das mulheres neste campo mostram um problema

preocupante ligado à idéia de emancipação que o movimento feminista tanto valorizou, mas que emancipação é esta?

A resposta relacionada à negatividade da maternidade para as mulheres acadêmicas na faixa etária citada relaciona-se consideravelmente ao tempo utilizado para se cuidar, educar, logo criar uma criança. A figura de um “pai ideal” ou masculina não tem sido relatada nos depoimentos e entrevistas. Dificilmente falam das relações afetivo-sexuais que estabelecem com homens ou mulheres. A intimidade destas mulheres tem sido pouco relatada, provavelmente pelo fato das entrevistas terem sido realizadas no ambiente de trabalho. O consentimento também não tem sido fácil, principalmente porque a grande maioria mostrou uma repulsão em serem reconhecidas como feministas. Em seus discursos demonstram menosprezo pela identidade feminista, como também uma compreensão de que as feministas são mal-amadas e intrometidas na vida de mulheres “normais”. Algumas se afirmam: [...] na minha casa mulher sempre trabalhou, sempre estudou, não precisou ter feminismo para mudar a minha vida, mas eu sempre produzi menos que o meu marido, quando meu filho era pequeno não tinha como competir (Doutora em Sociologia Política).

A analogia das teses com os filhos exploram sinais significativos para se pensar como a cultura científica tem motivado essas mulheres para a produtividade científica compartilhando e reproduzindo um *habitus* tão opressor quanto à cultura patriarcal, esta, que reproduziu durante tanto anos a construção de uma feminilidade destinada à reprodução.

Referências

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Elizabeth Badinter. Tradução de Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985. 370p.

BITENCOURT, Silvana Maria. Novas Feministas: um estudo sobre jovens mulheres feministas. 69f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

_____. Existe um outro lado do rio? Um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC. 141f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Política) – Curso de Pós-graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BOURDIEU, Pierre. 1930. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicos**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A dominação masculina**. In: Educação e Realidade. V. 20 (2), jul/dez. Porto Alegre: FE – UFRGS. 1995.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. A causa da ciência. Como a história social das ciências pode servir ao progresso das ciências. In: Política & Sociedade: **Revista de Sociologia Política**/Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. – V.1 (2002) - . – Florianópolis: UFSC: Cidade Futura. 2002 - p.143-161.

_____. **Science de La science et réflexivité**. Cours Du Collège de France (2000-2001). Paris: Raisons d`agir. 2001.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**/Pierre Bourdieu. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRUSCHINI, Cristina Lombardi; Maria Rosa. Médicas, arquitetas advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.7, nº1, IFCS/UFRJ CFH/UFSC. 2/1999. p.9-24.

CHODOROW, Nancy. **The reproduction of mothering**. Berkeley: University of California Press, 1978.

ESTÉBANEZ, María Elina **As mulheres na ciência regional: diagnóstico e estratégias para a igualdade**. 2002. 19p disponível em <http://www.comciencia.br>. Acesso em 27/08/2005.

KELLER, Evelyn Fox. O Paradoxo da subjetividade científica. In: SCHNITMAN, Dora Fried. (org) **Novos Paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HEAP, Ruby. *The Construction of masculine Engineerig Identities at the faculty of applied science and Engineering*, 1920-1940. 13^o Kingston Conference, October 17-19-2004

GIDDENS, Anthony. Gênero e Sexualidade. In: **Sociologia**. 4 edição. Porto Alegre: Artemed, 2005. p-102-127.

LOPES, Margaret Maria. In: **Cadernos Pagu**. Gênero, Ciência e História. Vol. 15, São Paulo, 2000. p-7-14.

ORTIZ, Renato.(Org.) Pierre Bourdieu. São Paulo: Ed. Ática. 1994.

PÉREZ SEDEÑO, Concha. Ciência y Valores de Gênero.. In: RUIZ, Viky Frias (Org.). **Las mujeres ante la ciência del siglo XXI**. Instituto de Investigaciones Feministas, Universidad Complutense de Madrid. Espanha: Complutense, 2001.p-233-239.

PÉREZ SEDEÑO, Eulália. La deseabilidad epistêmica de la equidad em ciência. In: In: RUIZ, Viky Frias (Org.). **Las mujeres ante la ciência del siglo XXI**. Instituto de Investigaciones Feministas, Universidad Complutense de Madrid. Espanha: Complutense, 2001.p-17-37.

_____. A modo de introducción: Las mujeres en el sistema de ciencia y tecnología. In: **Cuadernos de Iberoamérica**. Las Mujeres en el Sistema de Ciencia y Tecnología. Estudios de Casos. Madrid: ed: Eulália Pérez Sedeño. 2001. p.9-17

_____.Institucionalización de la ciencia, valores epistémicos Y contextuales: Un caso ejemplar. In: **Cadernos Pagu**. Gênero, Ciência e História. vol 15, São Paulo, 2000. p.77-102.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e história: homens mulheres e a prática histórica**. Bauru, SP : EDUSC, 2003. 502p.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

TABAK, Fanny. **O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In: **Ensaio de Sociologia**. 5º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982, pp. 154-183.